

**Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória**

**Instituição responsável: Nota Musical Comunicação**

**[www.quilombosdojequitinhonha.com.br](http://www.quilombosdojequitinhonha.com.br)**

**Entrevistadas: Laurinda Figueiredo de Oliveira e Nídia Oliveira Batista**

**Comunidade de Almas, município de Virgem da Lapa, Vale do Jequitinhonha,  
Minas Gerais**

**Outubro, 2014**

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. Chovia mesmo – Entrevista de Laurinda Figueiredo de Oliveira e Nídia Oliveira Batista. *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

## *Chovia mesmo*

Na memória das moradoras da comunidade de Almas, lembranças da mais tenra idade. Dona Nídia recorda que, quando criança ainda, arriava mula para poder levar cana no engenho. Trabalhavam muito, carregando sacos de estopa para plantar capim. Mas também lembra de momentos bons de comunhão, mais naturais de tempos passados. “A gente fazia a Sexta-feira da Paixão, fazia comida em conjunto, um levava comida para o outro. Era aquela boniteza: todos andando com as comidas, prato de arroz, de doce.”

Era também tempo das festas de Santa Cruz na comunidade, e das penitências, quando juntava gente de Almas e Cabeceira da Onça, como bem rememora dona Laurinda. “Cada um descia de sua comunidade, rezando, e quando chegava no cruzeiro cada um colocava sua pedrinha lá. Levava um litro de água e deixava aquela água descendo, lavando ela. Era assim durante nove dias. Quando nós começávamos a fazer a penitência, as roças já estavam morrendo, e quando terminávamos já era debaixo de água, chovia mesmo.”

Laurinda Figueiredo de Oliveira – Comunidade de Almas, tenho 67 anos.

Nídia Oliveira Batista – Sou de 1940 e completo 74 anos agora em dezembro. Eu sou batizada como Hilda, mas mudei meu nome para Nídia. Sou criada aqui mesmo, em Almas.

*Dona Nídia, comece falando da história aqui da comunidade, o que a senhora tem de memória?*

Nídia – Minha memória daqui começa de quando a gente mudou para cá. Eu fui nascida no Córrego D’água, nós éramos em dez, cinco daqui e cinco de lá. Meu pai trabalhava lá, no garimpo, sem casa, só levando a bateia e de noite dormia na casa do pai dele. De dia ficava trabalhando, sem a casa, e de noite dormia na casa do pai. Quando chovia abria uma bateia na cabeça dos filhos. Ele foi rodando, tirando ouro daqui e de lá. Depois de um tempo ele voltou para cá para comprar essa fazendinha, porque esse

negócio de trabalhar para os outros, é como ser escravo. E a gente trabalhava muito sofrendo, carregando aqueles sacos de estopa para plantar capim, as mangas sujas. Eu cansei de trabalhar lá, também fazia isso.

Eles mudaram para poder moer cana, e eu sempre pegava uma mulinha brava e arriava para poder carregar cana, no engenho. Eu nem sei se tinha uns dez anos nessa época. Meu pai veio com uma vaquinha no campo. As vacas cresceram e nós mudamos para cá. Ficamos aqui, meu pai plantou um mandiocal, canavial e comprou esse pedacinho de terra. Mas ele não teve a cabeça de registrar o documento, comprou, recebeu e pagou. Na década de 1950 meu pai comprou aqui. Comprou as terras, disse que era para os filhos não ficarem na “casa do pau”. E ficamos morando aqui e acolá, mas não tinha cerca de arame em canto nenhum. Pagamos os impostos, mas não documentamos a terra.

*Quando vocês chegaram aqui, quantas famílias tinham na comunidade de Almas?*

Nídia – Quando chegamos, tinham poucas famílias, só tinha Bastião, Maria Emília do outro lado, Afonso morava ali em baixo, na rocinha, a veia Luiza morava em outra casinha. Meu pai morava lá embaixo, e nós plantamos cana, mandiocal. Depois minha mãe morreu e meu pai ainda continuou trabalhando mais um tempo, até quando não pode mais trabalhar. Os irmãos casaram e eu fiquei sozinha em casa, fazia roça. Depois, saí, na cidade, para trabalhar e mandar um pouco de dinheiro para meu pai. Numa ocasião fui para São Paulo, trabalhar lá. Fiquei um ano e voltei. Acho que voltei para cá em 1972, logo casei e fiquei por aqui mesmo. Aqui a gente parecia escravo mesmo, não tinha nada, nada, nada.

*E a senhora acha que a vida mudou?*

Nídia – Com o tempo a vida mudou. O povo trabalha mais, vai adquirindo as coisas, uma vaquinha daqui um leitãozinho acolá, e fomos levando a vida assim. Fazia roça, de vez em quando chovia, a gente colhia muito mantimento, costumávamos colher seis sacos de feijão. Um outro irmão e primo meus mudaram para cá, e eles colhiam 12 sacos de feijão. Mas a gente não está colhendo mais nada, custa a chover. E olha que tinha água que passava nesse córrego, corria água. Só vendo no tempo da minha avó. Mas aí foi secando, secando e ficou uma mina pequenininha. Até hoje tem uma mina de

água, graças a Deus. Mas não dá água para todos, até pegam um pouco, mas não tem para jogar no depósito. Hoje as coisas melhoram porque um aposenta daqui outro acolá.

*A senhora sabe se na história da família da senhora tinha algum escravo?*

Nídia – Minha avó contava dos escravos, ela mesma trabalhou com os escravos. Ela sofria, trabalhava até meia noite. Quando eles deitavam, que ela ia “enxugar a roupa no corpo”, ela falava para nós. Ela trabalhou com os escravos, muito.

*Ela vivia em outro lugar?*

Nídia – Aqui nesse mesmo lugar, mas eu não sei onde ela trabalhou com esses escravos, mas ela trabalhou. Foi muito sofrida, muito sofrida. Acabou que ela morreu em São Paulo, um filho levou ela para lá, e passou muita fome lá também. O filho dela morreu logo. Eles moravam numa ilha, tinham um bote e quando chovia, a casa enchia de água, e eles no bote, ficavam do lado de fora até abaixar a água do rio, para então voltarem para casa.

*Das histórias que ela contava para a senhora, dessa época dos escravos, do que eles tinham como tradição, coisas que eles faziam, formas deles se reunirem, comidas, dança. Vocês herdaram deles, vocês mantiveram?*

Nídia – A gente fazia a Sexta-feira da Paixão, fazia comida em conjunto, um levava para o outro. Aquela boniteza tudo andando com as comidas, um prato de arroz, doce, um levando de uma casa para a outra, aquela boniteza na Sexta-feira da Paixão. Minha mãe e minha avó contavam que ainda teria um tempo de a gente dar um prato de ouro para receber um prato de comida. Um tempo em que, quem é novo, desejaria ser velho, e quem é velho desejaria ser novo para gozar de bom tempo. E tudo que elas falaram está chegando. Então, é um prato de dinheiro para um prato de comida, minha avó sempre falava. Da gente ver muita coisa de admirar, e nós já estamos vendo.

*Agora, dona Laurinda, vamos falar um pouco das festas que a senhora conhece, como a festa de Santa Cruz. Aliás primeiro conta um pouco da sua família, vocês são da mesma família?*

Laurinda – Avô e avó, são os mesmos. É uma “parentagem” só.

*Todos aqui?*

Laurinda – É, tudo parente. Sobre as festas, há uns anos era muito bom, a festa de Santo Antônio, de São João. Todo ano meu pai fazia a festa de São João, todo ano ele rezava o terço. Fazia muito biscoito, socava milho, colocava uma quarta de milho de molho, socava tudo isso no pilão para fazer bolo e dar ao povo. Fazia uma fogueirona, dançava a noite toda, comia bolo. Por muitos anos aconteceu assim, hoje é que não está tendo as festas de São João como já teve.

*E por que?*

Laurinda – Sei lá, a juventude não tem mais força de fazer o que os velhos faziam. Hoje os mais novos parecem que estão mais cansados. O que eu mesmo já fiz, hoje eu não faço, e os novos também não fazem. Levantar meia noite e ir para o pilão socar milho até oito, dez horas da manhã. Tirar aquele monte de fubá para cozinhar e fazer bolo. Hoje os novos não fazem isso. Aqui são poucos que socam no pilão.

*Vocês têm pilão em casa?*

Laurinda – Tem, sempre soca, fazemos farinha, bolo.

*Há quanto tempo a senhora acha que isso mudou?*

Laurinda – Ah, já tem tempo, porque meu pai já tem uns vinte e cinco anos que morreu. No tempo de meu pai tinha essa tradição todo ano. O meu tio Ricardo também, ele era da fogueira de Santo Antônio, rezava o terço, fazia forró, a gente dançava batuque. Era muito bom, bom mesmo.

*Outras comunidades da região vinham participar dessas festas?*

Laurinda – Vinha sim. A de Santa Cruz vêm, do Samir vêm, a gente também vai na comunidade deles.

*Gostaria que a senhora contasse para gente a história da penitência?*

Laurinda – É assim, juntava gente daqui, da comunidade de Almas com a Cabeceira de Onça, que eu morava lá, e nós descíamos. A cruz era lá embaixo. Nós descíamos de lá e

eles desciam daqui. E cada um descia de seu lugar rezando. Chegava ao cruzeiro, cada um com sua “pedrinha” na cabeça, colocava lá no pé da cruz. Levava um litro de água, virava no pé da cruz, e deixava descer lavando ela. Era assim durante nove dias. Quando nós começávamos a fazer essa penitência, as roças já estavam todas morrendo, os milhos todos torcido, feijão já tinha morrido. E quando nós terminávamos essa penitência, já terminava debaixo de água. Chovia mesmo, e continuava chovendo, e as águas eram muito boas.

*Em que período que chovia?*

Laurinda – Em outubro e novembro. Às vezes até em setembro, em 29 de setembro, de primeiro, aqui chovia bastante. Hoje é que não está chovendo, mas chovia. Meu pai sempre falava assim: “é, meus filhos, dia de São Miguel é dia de chuva”. E era mesmo, chovia. Aí a gente plantava, dia 15 de outubro. Para a gente ir para a festa, enquanto nós não limpássemos um bocado de feijão que ele coloca para nós limparmos, nós não íamos. Ia, rezava, tinha vez que rezava dentro de casa, porque a chuva não deixava a gente ir. Chovia bastante mesmo, chovia direto. Se um tempo para cá a chuva diminuiu muito mesmo.

*A penitência também vocês não fazem mais?*

Laurinda – Hoje a penitência, aonde eu escuto que faz ela, é na rua. Porque na rua tem o cruzeiro, que chama Cruzeiro Senhor da Boa Vida. Num tempo desses se reza lá, mas aqui na roça parou, porque os córregos acabaram. Naquela época tinha córrego que pegávamos pedras e levava. E hoje, até isso acabou. Se fosse, seria naquele cruzeiro lá embaixo, mas para ir daqui até lá, tem buraco demais. Os mais novos até vão, mas para os mais velhos, é difícil. Dia de sábado mesmo estiveram lá, teve juiz, juíza, tudo aqui nas Almas, foram lá rezar o terço. Quem agüentou, foi quem não agüentou, ficou. Eu fiz janta para eles, comeram, fiz um bolo de aniversário. Como sábado rezou o terço, eu comorei num dia só. Eu vou completar os anos na quarta-feira, mas comemoramos ontem.

*Foi aqui a festa, como é o nome da festa?*

Kerlane Murta – Festa de Santa Cruz<sup>1</sup>.

Laurinda – Foi muito bonito, acho que tinha umas 150 pessoas. Jantaram, comeram, beberam.

*Tem alguma música que acompanha essa festa?*

Laurinda – Sim, o meu primo tem sanfona, que toca na festa do Rosário, e ele já tem a tradição de ir mesmo.

*A senhora sabe um pouco daquela cantiga do Senhor Santa Cruz?*

Laurinda – Da “levantação” da bandeira?

*É, a senhora lembra, canta um pouco?*

Laurinda e Nídia – “O que nuvem, tão bonita / O que nuvem, tão bonita / Que Deus mandou para nós ver / Que Deus mandou para nós ver / Quero ver Senhor, quer ver / Quero ver Senhor, quer ver / Quero ver chover na terra / Quero ver a chuva na terra / Piedade Senhor, piedade / Piedade Senhor, piedade / Piedade dos pecadores / Piedade dos pecadores”.

*Tem um nome essa cantiga?*

Laurinda – “Que nuvem tão bonita que Deus mandou para nós ver”, é penitência. Tem muita reza. Só que penitência para nós, tem muito mais de uns quarenta anos que eu não vou, mas não esqueci as rezas até hoje.

*A senhora é benzedeira?*

Laurinda – Eu benzo um pouco.

---

<sup>1</sup> Protetora dos animais domésticos e das propriedades particulares, em especial nas áreas rurais, essa tradição portuguesa costuma ser comemorada no dia 3 de maio. Esse foi o dia em que Santa Helena apresentou a Dioclesiano a cruz em que Jesus Cristo foi crucificado. Um dos costumes da festa são os enfeites que ornamentam as cruzes, feitos de papel crepom, seda e flores. As cruzes costumam ser colocadas nos currais, galinheiros, beira das estradas, porta das casas ou pontos mais altos das cidades. Fonte: [http://www.descubraminas.com.br/Cultura/Pagina.aspx?cod\\_pgi=2146](http://www.descubraminas.com.br/Cultura/Pagina.aspx?cod_pgi=2146)

Kerlane – O interessante dessa tradição é benzer contra quebrante e mau olhado, mas o que acho mais interessante é benzer animais doentes. Às vezes tem uma vaca, uma égua, um cachorro, eles benzem os cachorros, e é tanta fé que cura, os animais ficam bons. Fala um pouco dessa tradição, que não pode deixar morrer não.

Laurinda – Para reza de bicho mau, essas coisas assim, ou quebranto, pode rezar a que fala assim. “Sua pedra, que no mar foi achado, e foi uma pedra consagrada. Assim como os padres, bispos e arcebispos não celebra a missa sem ela” ... aí fala o nome do que a gente vai rezar... “no seu corpo não entra nenhum mau. Nem quebranto, nem olhado e nem mau olhado. Com o poder de Deus e a Virgem Maria, vai para as ondas do mar, aonde não canta galo e nem galinha, vão Jesus, Maria, José, Amém”. Esse aí que já entra no bicho mau, no quebranto, no mau olhado, que é olho gordo que fala.

*E a da senhora, qual é?*

Nídia – Eu sei outra que é quase imitando essa. “Era pedra bela, pedra salgada, foi achada no mar. O papa, o bispo e arcebispo e os papos de ramos não celebram missa sem ela. No corpo desse cliente”, ou qualquer um que falar o nome da pessoa, “não entra nem quebrando, nem olhado, nem mau olhado, nem excomungado”. Fala isso umas três vezes, daí rezam três pais nossos, três ave marias “e a fé de paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo”. E não tem nada que com fé em Deus que não cure.

*E a reza para curar dor de barriga de criança? Porque naquela época não tinha médico, não tinha conhecimento médico. Para dor de barriga, criança que tinha o “mau de sétimo dia”, que tinha também?*

*O que era o mau de sétimo dia?*

Laurinda – Que a criança nasce doente.

Nídia – De dor de barriga era assim. “Deus é papa e Jesus Cristo é bispo. No corpo dessa pessoa reze quebranto e mau olhado passado, na barriga dessa criança”.

*Vocês são benzedoras desde quando?*

Laurinda – Eu rezo terço desde os 12 anos.



Nídia – De uns tempos para cá, que antes eu não sabia nada. De uns tempos para cá, a gente salva muita coisa. Tem um irmão que o menino dele morreu de quebranto, ele não sabia nada. Levou esse menino na rua, deixou o menino peladinho, o menino muito gordo, gemia tanto, não tinha um remédio para esse menino, morreu de quebranto e não descobriu nada.

*E a senhora, desde os 12 anos? Como a senhora descobriu isso, foi de sua mãe?*

Laurinda – Foi pela minha idéia. De primeiro, nós não sabíamos o que era rádio. Era pobreza, que todo mundo era fraquinho e não tinha condição de comprar um rádio, e televisão era só para os ricos, a gente nem conhecia. Aí meu irmão comprou um radinho de mão, e todo dia, 6 horas tinha missa, e toda vez que o padre começava a celebrar a missa, eu estava ali pertinho escutando. E com isso eu aprendi, pela minha idéia. Minha mãe não sabia rezar terço, meu pai não sabia, pela minha inteligência eu aprendi. A tia Eulália também, que era dona da penitência. De primeiro, era uma velhinha, vestia uma saiona que batia lá no pé. Aí todas as vezes que ela chegava ao Cruzeiro, eu gostava de estar ali perto dela. Meu pai era muito bravo, e então, ele avisava a gente em casa, chegava lá tinha que ficar pertinho dela ajudando ela rezar, e com isso eu aprendi.

*Raizeiro, tem aqui também?*

Laurinda – Eu conheci raizeiro. Tinha o João do Burro que morava lá no Cardoso, ele era raizeiro. E além dele, já conheci vários raizeiros. Tinha a dona Ana que morava em Araçuaí, e até hoje tem.

Kerlene – Até hoje tem né, o Angico, o Pachico.

Laurinda – Tem unha d'anta<sup>2</sup>, raiz de mangaba<sup>3</sup>, casca de jatobá<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> É uma planta de use essencialmente medicinal, de casca perfumada, espessa e muito amarga. Nativa no Brasil, Chile e Peru, geralmente indicada para diarreia, cólica intestinal, dor de estomago, fraqueza e anemia. Fonte: <http://www.plantasquecuram.com.br/ervas/casca-danta.html#.WHvW79NTu1s>

<sup>3</sup> A mangabeira pode ser encontrada do norte ao sudeste do Brasil. Tanto no fruto como na raiz, traz muitos benefícios medicinais por ser muito rica em ferro e vitaminas A, B1, B2 e C. Seus benefícios estão na ação anti-hipertensora, digestiva, antiulcerogênica e laxante. Fonte: <https://www.tuasaude.com/mangaba/>

<sup>4</sup> Árvore encontrada da floresta amazônica e na Mata Atlântica. Considerado um energético natural, é muito rica em potássio, ferro, fosforo, cálcio e vitamina c, e por isso fortalece o sistema imunológico. Entre as suas propriedades ainda estão o alívio nos problemas de articulação, redução de açúcar no

*Também se usa muito, até hoje, para tratamento, no caso mais mulheres e para o útero, é o barbatimão<sup>5</sup>?*

Laurinda – É barbatimão. Têm muitas raízes no campo que são boas.

Nídia – Hoje, por qualquer coisa, o povo adocece e vai lá ao médico, mas eu não gosto. Eu sou diabética, tenho bronquite asmática, tenho problema de pressão, mas não gosto de ir ao médico todo mês não. De vez em quando eu vou, porque tem receita vencendo e eles me entregam remédio. Mas não gosto de ir ao médico sempre não.

*Essas raízes ainda são fáceis de encontrar?*

Laurinda – João é que pega sempre, eu não pego. Raiz de mangaba, jatobá e casca de angico<sup>6</sup> não são difíceis não, as outras, só para quem conhece.

*Kerlane – Tia, gostaria que a senhora relatasse para nós um pouco sobre a história de Santo Reis, porque eu cresci dentro do Santo Reis. Como surgiu?*

Laurinda – Quem cantava esse Santo Reis eram seus padrinhos. Porque o Reis, tem que ter as pessoas que “tiram” e outras pessoas para “responder”. Então eles eram os mestres tiradores, e a gente acompanhava o Reis. A gente cantou durante muito tempo. Hoje que o povo está preguiçoso e não está cantando como cantava antes.

*Em que época acontecia ou acontece o Santo Reis?*

Laurinda – Acontece até hoje. É no Natal. Porque aqui a gente reza os nove dias de novena. Começa dia 15 de dezembro e termina de 24 para 25, até hoje. Eu mesmo já fiz

---

sangue e um poderoso protetor do fígado, entre outros. Fonte: <http://www.saudedica.com.br/os-7-beneficios-do-jatoba-para-saude/>

<sup>5</sup> É uma planta medicinal, também conhecida como Barbatimão-verdadeiro, barba-de-timan, casca-da-mocidade ou ubatima, e é muito usada para ajudar a tratar feridas, hemorragias, queimaduras, dores de garganta ou inchaços e hematomas na pele, por exemplo. Além disso, esta planta também pode ser utilizada para ajudar no tratamento de doenças como diabetes ou malária, por exemplo. Fonte: <https://www.tuasaude.com/barbatimao/>

<sup>6</sup> O xarope preparado com angico é muito usado para tratamentos respiratórios, como asma, bronquite e tosse por ser eminentemente expectorante. Indicado também para inflamações como faringite e problemas nos pulmões. Seu cultivo é também popular pela qualidade da madeira, para fabricação de moveis e matéria prima para objetos diversos. Fontes: <http://remediodaterra.com.br/beneficios-do-cha-de-angico/> e <http://www.remedio-caseiro.com/cascas-do-angico-possuem-inumeras-propriedades-medicinais/>

aqui em casa. Hoje eu não faço porque nós temos a igreja, então reza lá. Levam o presépio lá também.

*E como acontece, é um grupo tocando que anda pela comunidade, ou é numa noite?*

Laurinda – Não, de primeiro até era. Quando nós começamos essa Folia de Reis, aqui era animada demais. Tinham muito jovens, as moças e os rapazes, e os casados também, todo mundo animava. Nós catávamos direto. Mas aí um bocado dos meninos foi embora, as meninas também foram embora. Então hoje só reza o terço e canta as rezas, mas o Reis mesmo não está tendo não, já tem uns dois anos.

*A senhora acha que essa falta de manter a tradição na comunidade de todas essas rezas, tanto o Terço de Maio, como a Domingada do dia 15 de outubro, e também, a do Santo Reis, a senhora acha que essa falta de pessoas e de jovens, não seria incentivo, um meio de sobreviver, de estar estudando?*

Laurinda – Acredito que sim, que é isso mesmo. Acabou aquela influência que, no nosso tempo, nós tínhamos.

Kerlane – Hoje mesmo a comunidade é mais vista só por pessoas mais velhas.

Laurinda – Só os mais velhos, porque os mais novos, se eles querem ganhar um dinheirinho é “lá fora”. Um vai, começa a trabalhar, compra um ranchinho. Do ranchinho já tem uma casinha, e com pouco, já está morando lá, nem vem mais para cá. A maioria do povo desta comunidade está em Belo Horizonte. Mas os mais velhos, enquanto tiver vida, segura essa peteca para não deixar cair. Não é animado como era de primeiro, mas também nós não deixamos de celebrar. Tem a Rita aqui que é nossa dirigente, celebra o culto todo domingo. O padre vem aqui e celebra missa.

*Está acontecendo aquele terço aqui no cruzeiro, em frente?*

Laurinda – Está.

*Todo mês tem?*

Laurinda – Não, o mês mesmo é maio. Dia das mães a gente sempre reza no cruzeiro, dia de finados. A gente não pode parar não, enquanto tiver vida tem que seguir para frente.

Kerlane – Eu acharia interessante que se passasse essas rezas, principalmente para benzer, para a juventude que tem hoje.

Laurinda – Eu mesmo já passei o terço para várias pessoas. Se não aprendeu é porque não quis, minhas meninas mesmo, todas sabem. Até os meninos homens sabem. Mas com esse negócio de mudar de igreja hoje, o povo parece que está perdendo a fé de Deus, que tudo é evangélico. Meus filhos mesmos todos são evangélicos hoje.

*E a senhora criou eles nessa reza.*

Laurinda – Criei nessa doutrina, e eles “passaram”. Mas tudo passa sabendo, porque eu sabia, e eu ensinei para eles.

*E sobre artesanato, a vassoura de coqueiro é própria aqui da comunidade, feita aqui. Tem algum artesanato que era feito aqui na comunidade só, e não é feito mais?*

Laurinda – Acho que só a vassoura mesmo, que começou dos mais velhos. Hoje as meninas que apresentam. Mas eu e a Nídia aqui, nós éramos tiradouras de vassoura, das velhas.

Nídia – Mas nós levávamos na cabeça, não era no lombo de cavalo não.

Laurinda – Não, e não tinha moto, nós íamos a pé. E fazia as vassouras, amarrava, levava para a feira na cabeça. Tinha dia que vendia, outro dia não vendia. Trocava, às vezes, nós tínhamos vassoura e os outros tinham laranja, tinha banana, a gente trocava. Era assim. Eu já tirei muita vassoura.